Capacetes de aço no Exército Brasileiro 1932–2004

Expedito Carlos Stephani Bastos

Os capacetes de aço foram definitivamente adotados nos principais exércitos do mundo ao longo da Primeira Guerra Mundial (1914–1918), com diversos modelos e processos de fabricação, desde os estampados a frio até os usinados, foram desenvolvidos para dar mais proteção ao soldado, protegendo-o de estilhaços, projéteis de pequenos calibres e até de pancadas na cabeça.

As estatísticas da Primeira Guerra Mundial revelam que 80% dos ferimentos aconteciam na cabeça, em razão da forma de luta, a guerra de trincheiras, principalmente na frente ocidental, nos anos iniciais daquele conflito, levando os principais exércitos a adotarem o capacete de aço, ampliando assim a proteção individual.

No Brasil eles só irão aparecer no ano de 1932, quando ocorreu a nossa maior guerra civil, conhecida como Revolução Constitucionalista, deflagrada por São Paulo em 9 de julho daquele ano.

Os paulistas criaram diversos departamentos para seu esforço de guerra con-

Foto: Arquivo Bloch Editores

Rara foto colorida de 1932 mostrando combatentes paulistas com capacetes modelo francês fabricados durante a Revolução Constitucionalista de 1932 posicionando um canhão Krupp 75mm C-28. Notar o fardamento e os capacetes

Foto: Coleção Paulo Fellows

Capa da revista *Reação Brasileira*, edição de janeiro de 1944, vol. II n.º 1, mostrando um oficial do Exército Brasileiro com um capacete tipo inglês Mk-1 derivado dos construídos pelos paulistas em 1932

Foto: Coleção do autor

Vista dos três modelos de capacetes produzidos em São Paulo em 1932. Estes três exemplares pertencem à coleção do Museu da Polícia Militar de São Paulo

Três combatentes constitucionalistas. O soldado do centro está usando o terceiro elo de capacete tipo francês derivado do modelo Adrian produzido pela Indústria Paulista em 1932. Notar o domo arredondado no centro do mesmo em vez da crista de galo

Foto: Coleção do autor

tra as tropas do Governo de Getúlio Vargas, e um desses departamentos era para a confecção de capacetes de aço, pois era necessário equipar todos os combatentes paulistas, sejam eles voluntários, da Força Pública ou do Exército.

Dois capacetes foram apresentados a este departamento, um francês Adrian modelo 1915 e um inglês Mk-1 modelo 1916, oriundos de coleção particular.

Eles foram examinados e aprovados para serem produzidos em série aos milhares, tendo o modelo francês sofrido pequenas modificações, principalmente na chamada "crista de galo", uma característica deste modelo, gerando duas versões. O modelo inglês foi copiado na íntegra.

Coube à Associação Comercial a responsabilidade de angariar fundos para a sua produção em larga escala, no final de julho de 1932.

As tropas regulares – Exército e Força Pública – e a de voluntários, utilizavam bonés, quepes, bibicos, chapéus e capacetes de cortiça ou papelão revestidos de couro ou pano que às vezes eram impermeáveis, mas não davam a necessária proteção ao combatente.

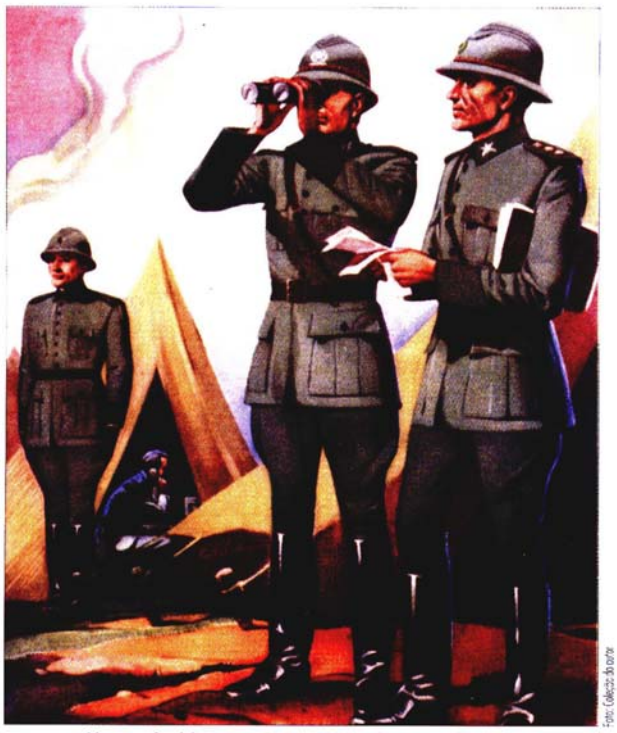
Diversas empresas foram incumbidas da fabricação dos capacetes de aço, os primeiros a serem produzidos e utilizados no Brasil. Vale destacar a Cia. de Louças e Esmaltados, as Indústrias Reunidas Martins Ferreira e a Bernardini Indústria e Comércio.

Estas indústrias entregavam o capacete estampado a frio em chapas de aço, pronto, e a Associação Comercial terminava a fabricação, pintando-os de verde e colocando sua forração de couro e a jugular. A pintura inicialmente se dava com tinta verde-oliva brilhante, mas logo foi substituída por verde-fosco.

Três modelos foram fabricados, um do modelo inglês e dois do modelo francês, cuja diferença era o formato da "crista de galo" no topo do mesmo, parecida com a usada pelos franceses, apenas menor e o outro com uma pequena protuberância redonda no topo do capacete, ambas serviam como respiro para evitar muito calor na cabeça.

Sem dúvida foi o ícone da revolução, representado sobre diversas formas, cunhado em medalhas, desenhado em caricaturas, esculturas, broches

Fábrica do Andaraí – RJ, final dos anos 1930, início dos 1940. Notar acabamento manual



Publicação Oficial do Exército de 1941 mostrando novos uniformes de oficiais com capacetes de cortiça revestidos de couro. Notar a longa crista de galo

Tropas de Cavalaria do Exército Brasileiro em desfile de 7 de Setembro de 1940. Notar os capacetes modelo inglês Mk-I

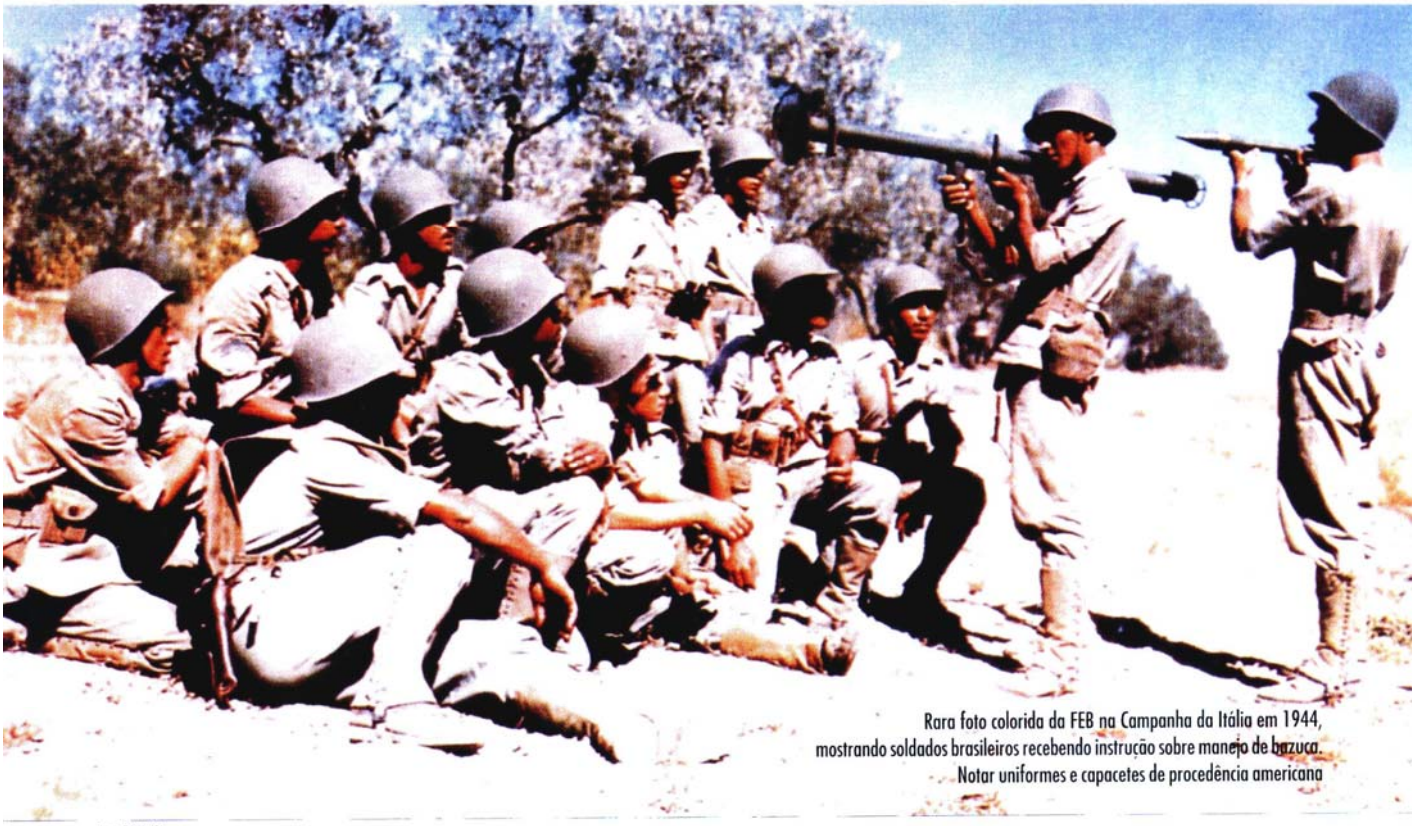
e imortalizado nos cartazes de convocação. Estampado no couro da forração do modelo inglês a frase: *Oferta do Povo Paulista aos Soldados da Constituição.* Já no modelo francês: *O Povo Paulista aos Soldados da Constituição.*

Foram fabricados 70 mil capacetes dos três modelos e a maior parte chegou a ser distribuída para as tropas paulistas, mas como esta revolução durou apenas três meses e os Constitucionalistas foram derrotados, o Governo Federal se apoderou dos estoques e das linhas de montagem.

Eles não foram destruídos mas sim aproveitados e incorporados definitivamente ao Exército Brasileiro, que pela primeira vez, passou a usar e a possuir capacetes de aço, tendo inclusive dado prosseguimento à sua fabricação na Fábrica de Projéteis de Artilharia do Andaraí, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, pois os usados eram feitos em couro e cortiça, também de origem francesa.

Isto ocorreu entre 1933 e 1934, visto que é possível ver soldados do Exército atacando os sublevados na Intentona Comunista em 1935, no Rio de Janeiro, usando capacetes de aço modelo francês de fabricação nacional.

Na realidade apenas dois dos três tipos continuaram a ser produzidos, o modelo francês com "crista de galo" curta e o modelo inglês Mk-1. É comum vermos fotos do período da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), no território brasileiro, com soldados do Exército usando estes tipos de capacetes. Cuidado para não confundir o capacete de aço modelo francês com o de cortiça revestido com couro largamente empregado pelas tropas, a maioria possui um distinti-



Rara foto colorida da FEB na Campanha da Itália em 1944, mostrando soldados brasileiros recebendo instrução sobre manejo de bazuca. Notar uniformes e capacetes de procedência americana

Foto: DANA USA

vo na sua parte frontal e um pequeno relevo ao redor do mesmo em torno da aba.

Com o desenrolar da Segunda Guerra, o Brasil ao posicionar-se ao lado dos aliados, criou uma Força Expedicionária, a nossa FEB, que combateu ao lado dos americanos no teatro de operações da Itália em 1944 e 1945, onde usou o capacete de aço modelo M-1 adotado pelo Exército americano em 1941.

Este capacete na realidade é composto de dois, sendo um de fibra que se aloja dentro do de aço, podendo usar só o de fibra ou os dois simultaneamente e foi o modelo mais fabricado no mundo até hoje, para se ter uma idéia em 1943 já tinha atingido a marca dos sete milhões e quinhentas mil unidades fabricadas.

Eles foram responsáveis por salvar a vida de muitos combatentes brasileiros, que como exemplo cito o caso do Tenente Manoel Genito do Carmo, Comandante do 2º Pelotão da 7ª Cia., do 1º R.I., durante o ataque ao Monte Castelo, em 12 de dezembro de 1944, cuja narrativa se encontra no livro A *Epopéia dos Apeninos*, págs. 241/243, de autoria de José de Oliveira Ramos e que assim descreve um momento marcante daquela luta onde o capacete é o responsável por salvar a vida do tenente. "*...O Tenente Genito liga pelo telefone com o Comandante de Cia., conta-lhe o que se passa, pede-lhe socorro para retirar seus homens e tentar mais uma vez localizar as metralhadoras, para orientar os tiros de morteiro. Neste momento recebe um tiro de fuzil que lhe atravessa de lado a lado o capacete de aço, produzindo profundo ferimento no couro cabeludo, sem entretanto atingir a parte óssea. Com a pancada violenta da bala e com o sangue a escorrer pela face, Genito nada mais vê e procura apenas se abrigar. Para isso resolve sair dali, dando rapidamente dois lances para a esquerda e nesse momento é de novo atingido por uma rajada de metralhadora, que lhe rasga o uniforme, sem feri-lo entretanto. Após várias peripécias consegue sair da zona de combate, sendo socorrido por uma família italiana, donde foi encaminhado ao Posto de Socorro do Regimento Sampaio e daí para o Hospital de Evacuação de Pistóia, onde foi operado. Re-*

Detalhe do capacete do Tenente Genito atingido por um tiro de fuzil que o atravessou de lado a lado sem feri-lo gravemente

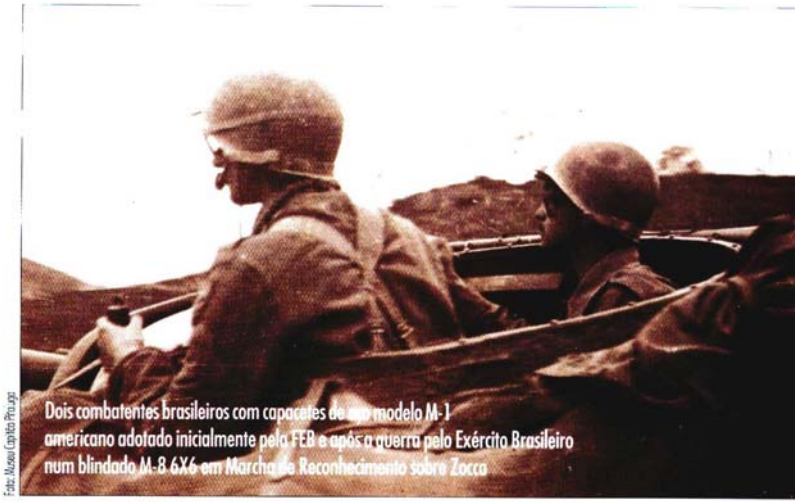


Foto: Museu Capixaba Pinto Lopes

Dois combatentes brasileiros com capacetes de aço modelo M-1 americano adotado inicialmente pela FEB e após a guerra pelo Exército Brasileiro num blindado M-8 6X6 em Marcha de Reconhecimento sobre Zocca

cuperou-se em poucos dias e voltou ao seu Regimento, onde prosseguiu até o fim da Campanha...

Esta passagem ilustra muito bem uma situação em que estar usando ou não o capacete de aço fazia a diferença entre a vida e a morte.

Com a vitória dos aliados as tropas brasileiras retornaram ao Brasil em fins de 1945, trazendo este capacete como novidade e logo em seguida ele passou a ser adotado, no Exército Brasileiro, até os dias de hoje, muito embora a partir de 1993 ele vem sendo substituído pelo modelo feito em Kevlar conhecido pela sigla P.A.S.G.T. (Personal Armor System for Ground Troops) adotado pelos Estados Unidos a partir de 1980. As tropas brasileiras em Missão de Paz em Angola e Moçambique foram as primeiras a utilizarem este modelo. No Brasil a empresa Inbrafiltro, de Mauá, SP, produz um modelo similar em fibras de aramida com alta resistência balística.

O capacete M-1, ainda permanecerá por mais alguns anos em uso, em diversas unidades do Exército Brasileiro, sendo o último remanescente construído em aço, pois com a criação de novos materiais foi possível substituí-lo, tornando os capacetes modernos mais resistentes e leves, protegendo ainda mais os combatentes.

Expedito Carlos Stephani Bastos
Pesquisador de Assuntos Militares da Universidade Federal de Juiz de Fora
expedito@editora.ufjf.br

ufjf DEFESA
www.ufjf.edu.br/defesa

BIBLIOGRAFIA

DONATO, Hernâni. *A Revolução de 1932.*Círculo do Livro S/A São Paulo, 1982.
MUSCIARELLI, Letterio. *Dizionario della Armi.* Arnoldo Mondadori Editore, Milano, 1971.
OLIVEIRA FILHO, Benjamin de. *M.M.D.C.* Edição Schmidt, 1933.
OLIVEIRA, Clóvis de. *A Indústria e o Movimento Constitucionalista de 1932.* Serviço de Publicações da FIESP, São Paulo, 1956.
BRUSSOLO, Armando. *A Revolução Constitucionalista – Tudo pelo Brasil.* 2ª Edição, Editorial Paulista, 1932.
MARZETTI, Paolo. *Elmetti di tutto il mondo.* Ermanno Albertelli Editore, Parma, Itália, 1984.
MARTINS, José de Barros. *Álbum de Família 1932.* Livraria Martins Editora, São Paulo, 1982.
RAMOS, José de Oliveira. *A Epopéia dos Apeninos.* Gráfica Laemmert Limitada, Rio de Janeiro.
AMIDEN, Jamil. *Eles não Voltaram.* Gráfica Riachuelo Editora. Rio de Janeiro, 1960.
Jornal *A Gazeta*, diversos números.
Revista *Em Guarda para a Defesa das Américas*, diversos números; Coleção particular do autor.